




## SEMENTES DE UMA ECONOMIA CAMPONESA, FEMINISTA E AGROECOLÓGICA PRESENTES NA PRÁTICA DOS QUINTAIS PRODUTIVOS DAS MULHERES CAMPONESAS DO MMC/SC

SEEDS OF A PEASANT, FEMINIST AND AGROECOLOGICAL ECONOMY PRESENT IN THE PRACTICE OF THE PRODUCTIVE BACKYARDS OF THE PEASANT WOMEN OF MMC/SC

SEMILLAS DE UNA ECONOMÍA CAMPESINA, FEMINISTA Y AGROECOLÓGICA PRESENTES EM LA PRÁTICA DE LOS PATIOS TRASEROS PRODUCTIVOS LAS MUJERES CAMPESINAS DE MMC/SC

Geneci Ribeiro dos Santos<sup>1</sup>   
Siomara Aparecida Marques<sup>2</sup>   
Josimeire Aparecida Leandrini<sup>3</sup> 

Submissão: 27/09/2022 / Aceito: 21/11/2022 / Publicado: 30/01/2023.

### RESUMO

O principal objetivo é trazer o debate sobre a perspectiva da economia camponesa e feminista presente nas experiências de organização, formação, produção e manejo dos quintais produtivos Agroecológicos de mulheres camponesas, militantes, dirigentes que participam do Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/SC. O artigo traz alguns elementos que foram discutidos e aprofundados na dissertação de mestrado intitulada “Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica: Um estudo das experiências desenvolvidas pelo – (MMC/ SC)”.<sup>4</sup> A metodologia da pesquisa foi de abordagem qualitativa, com base em entrevistas, observação participante e anotações em “caderno de campo.” A pesquisa teórica e as experiências práticas, vivenciadas no cotidiano pelas mulheres camponesas contribuíram para assim nesse artigo abordar questões e reflexões sobre a problemática da “economia invisível.” Nas considerações finais dialogamos sobre os desafios enfrentados pelo MMC/SC, para avançar na construção de outra economia baseada em novos princípios. E também enfatizamos a importância dos processos formativos e organizativos do Movimento para avançar na visibilidade, reconhecimento e valorização dos trabalhos desempenhados pelas mulheres camponesas.

**Palavras-chave:** Economia Feminista. Mulheres. Agroecologia.

<sup>1</sup>Mestrado em Agroecologia Desenvolvimento Rural Sustentável - PPGADR/UFGS/PR. Genecimmc@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutorado em Sociologia Política. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Laranjeiras do Sul. siomarques@uffs.edu.br.

<sup>3</sup>Doutorado em Ecologia de Ambientes Aquáticos Continentais. Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus Laranjeiras do Sul. jaleandrini@uffs.edu.br.

<sup>4</sup>Apresentada ao Programa de Pós Graduação em Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável – PPGADR, da Universidade Federal da Fronteira Sul UFGS/ Campus de Laranjeiras do Sul/ PR.



## ABSTRACT

The main objective is to bring the debate about the perspective of the peasant and feminist economy present in the experiences of organization, formation, production and management of the Agroecological productive backyards of peasant women, militants, leaders who participate in the Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/SC. The article brings some elements that were discussed and deepened in the master's thesis entitled "Productive backyards and the role of peasant women in strengthening agroecological production: A study of the experiences developed by – (MMC/ SC)" The research methodology used a qualitative approach, based on interviews, participant observation and notes in a "field notebook." Theoretical research and practical experiences experienced in everyday life by peasant women contributed to this article addressing questions and reflections on the problem of the "invisible economy." In the final considerations, we discussed the challenges faced by the MMC/SC, in order to advance in the construction of another economy based on new principles. And we also emphasize the importance of the Movement's formative and organizational processes to advance in the visibility, recognition and appreciation of the work carried out by rural women.

**Keywords:** Feminist Economics. Women. Agroecology.

## RESUMEN

El objetivo principal es acercar el debate sobre la perspectiva de la economía campesina y feminista presente en las experiencias de organización, formación, producción y gestión de los traspatios productivos Agroecológicos de mujeres campesinas, militantes, lideresas que participan del Movimento de Mulheres Camponesas - MMC/SC. El artículo trae algunos elementos que fueron discutidos y profundizados en la tesis de maestría titulada "Los traspatios productivos y el papel de la mujer campesina en el fortalecimiento de la producción agroecológica: Un estudio de las experiencias desarrolladas por – (MMC/ SC)". La metodología de investigación utilizó un enfoque cualitativo, basado en entrevistas, observaciones participantes y notas en un "cuaderno de campo". La investigación teórica y las experiencias prácticas vividas en la vida cotidiana de las mujeres campesinas contribuyeron a que este artículo abordara interrogantes y reflexiones sobre el problema de la "economía invisible". En las consideraciones finales discutimos los desafíos que enfrenta el MMC/SC, para avanzar en la construcción de otra economía basada en nuevos principios. Y destacamos también la importancia de los procesos formativos y organizativos del Movimento para avanzar en la visibilización, reconocimiento y valoración del trabajo que realizan las mujeres campesinas.

**Palabras chave:** Economía feminista. Mujeres. Agroecología.

## INTRODUÇÃO

A temática abordada nesse artigo é parte do resultado de pesquisa da dissertação de mestrado "Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica: Um estudo das experiências desenvolvidas pelo movimento de mulheres camponesas MM- SC." A metodologia escolhida para coleta e análise dos dados foi a da pesquisa - ação que se caracteriza como uma pesquisa qualitativa. As entrevistas foram realizadas no período



de Novembro, 2019 / Maio, 2020. Participaram da pesquisa 11 mulheres camponesas<sup>5</sup> pertencentes ao grupo das monitoras composto por mulheres camponesas, dirigentes que contribuem com os processos de formação e organização do MMC/SC e no espaço dos seus quintais produtivos, desenvolvem experiências de produção aproximando teoria e prática

Historicamente as mulheres camponesas exercem um papel fundamental no que diz respeito à produção de alimentos diversificados e saudáveis garantindo a soberania alimentar e nutricional das famílias, no cuidado com as sementes crioulas, preservação e manutenção da biodiversidade e dos bens naturais como solo, água, fauna, florestas e assim contribuindo para o fortalecimento de experiências de produção orientadas por princípios da ciência agroecológica. Elas são responsáveis por administrar e manejar os quintais produtivos, realizar os trabalhos domésticos e todos os trabalhos relacionados aos “cuidados” com crianças idosos, doentes, entre outros. Não são remuneradas, nem reconhecidas pela sociedade capitalista e patriarcal. Nesse sentido o MMC tem avançado no debate da visibilidade, reconhecimento, valorização e valoração de todos os trabalhos desempenhados pelas mulheres camponesas a partir da perspectiva de uma economia camponesa, feminista e agroecológica.

Nesse sentido aprofundamos a temática a partir de um referencial teórico que busca contemplar os princípios da ciência Agroecológica, teorias feministas e debates a cerca de uma economia que analisa o trabalho das mulheres seja o produtivo, o doméstico, os “cuidados” e a divisão sexual e social do trabalho, colocando numa dimensão mais ampla que ultrapassam a lógica da economia capitalista e patriarcal.

## **MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS E O PROJETO DE AGRICULTURA CAMPONESA AGROECOLÓGICA E FEMINISTA**

No ano de 1983, um grupo de mulheres agricultoras da comunidade de Nova Itaberaba, Santa Catarina, iniciam a Organização de Mulheres Agricultoras - OMA. Logo sentem a necessidade de avançar na construção de um Movimento autônomo que elas denominam de Movimento de Mulheres Agricultoras - MMA.

Em 2004, durante congresso nacional realizado em Brasília tendo a participação de Movimentos de mulheres trabalhadoras do campo de 21 estados do Brasil, decidem coletivamente

---

<sup>5</sup> O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da UFFS e teve a obtenção do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das entrevistadas.



pela consolidação em nível nacional desses Movimentos passando a denominar-se de Movimento de Mulheres Camponesas - MMC.

A trajetória desse Movimento é marcada por importantes, lutas das mulheres camponesas, contra as desigualdades sociais de gênero, contra todas as formas de exploração, submissão e violências. Pelo reconhecimento da profissão de trabalhadoras rurais, pela conquista dos direitos previdenciários, por uma saúde Integral, por políticas públicas de saúde da mulher, consolidação de um Sistema Único de Saúde (SUS), participação das mulheres nos espaços de poder e decisão, na luta pelo acesso à terra e os meios de produção e o enfrentamento a um modelo de agricultura imposto a partir do processo da revolução verde que com o passar dos anos só vem ampliando e intensificando os problemas sociais, econômicos e ambientais na vida das mulheres e das famílias camponesas. Conforme consta na cartilha *“Movimento de Mulheres Camponesas em Santa Catarina; uma História de organização lutas e conquistas”*

[...] nas primeiras reuniões e encontros, as mulheres debatiam sobre os impactos e as consequências desse modelo de produção, como o endividamento dos agricultores e agricultoras nos bancos, o baixo preço dos produtos, os cortes de subsídios agrícolas, o êxodo rural, o uso intenso de agrotóxicos, a perda de muitas espécies de sementes crioulas, mudança dos hábitos de vida, entre outros. (CARTILHA MMC/SC,2008, p.8).

Desde seu surgimento o Movimento de Mulheres Camponesas de Santa Catarina, debate sobre as consequências e impactos causados pelo modelo de agricultura convencional. No início dos anos 2000, as mulheres camponesas intensificam o estudo e debate sobre os princípios, fundamentos e metodologias da produção agroecológica, e coletivamente decidem pela construção de um projeto de agricultura camponesa agroecológica e feminista, capaz de reconhecer e valorizar o protagonismo a prática e os saberes das mulheres.

Esse projeto começa ser implementado nas bases organizadas do MMC/SC, a partir de uma análise sobre a realidade, contexto e dimensão do avanço da agricultura convencional capitalista, presente na maioria das unidades de produção familiar camponesa que passava ocupar a maior parte das terras agricultáveis com monoculturas de soja, milho, fumo e outras. Nessa lógica produtiva o que sobrava para as mulheres poderem produzir os alimentos era apenas o espaço da horta, ou áreas cheias de pedras em declive que não permitia entrar com os maquinários para fazer o plantio. Um modelo de produção agrícola fortalecido por um sistema de dominação patriarcal, em que as mulheres eram excluídas, não participando do planejamento, gestão e decisões sobre o que plantar, e de que forma plantar.

Como estratégia para iniciar um processo de produção agrícola com as mulheres camponesas orientando-se a partir dos princípios da agroecologia, o Movimento lançou o *Programa de Recuperação, Produção e Melhoramento de Sementes Crioulas de Hortaliças*. Este Programa permitiu as mulheres camponesas avançar no estudo sobre as técnicas de produção e melhoramento de sementes crioulas de hortaliças, garantir a produção de alimentos diversificados e saudáveis para o consumo de suas famílias bem como a valorização dos seus conhecimentos e saberes.

Para a autora Catiane Cinelli (2012), “[...] o Programa de Sementes surgiu a partir da compreensão do MMC acerca da necessidade de um novo projeto de agricultura, que seria uma forma de assegurar uma alimentação saudável pautada na defesa da soberania alimentar com base na preservação das próprias sementes crioulas, patrimônio da humanidade”. (CINELLI 2012, p. 56). Para o Movimento de Mulheres Camponesas a agroecologia é um “modo de vida”, projeto de sociedade que propõem o desenvolvimento agrícola sustentável, aliado com a construção de novas relações sociais de gênero entre homens e mulheres. “Sendo assim agroecologia e feminismo estabelecem um diálogo ideológico: ambos propõem transformação nas relações sociais. Ambos se colocam contra a hegemonia do capitalismo e, portanto, devem se contrapor também ao patriarcado, que é a base ideológica do modelo capitalista”. (ROMÃO, 2007).

Nesse mesmo sentido o debate realizado pelo GT de Mulheres da ANA, reforça que;

[...] o mundo pelo qual nosso feminismo e nossa agroecologia lutam só será possível com enfrentamento ao capitalismo, patriarcado e ao racismo, para a construção da autonomia das mulheres sobre suas vidas, seus corpos, seu trabalho, sem ameaças cotidianas de violência nas casas, nas ruas, nos roçados, nas redes e movimentos sociais. Na construção da Agroecologia precisamos ser ouvidas: é fundamental que nossas realidades, anseios e concepções e contribuições sejam considerados. (GT MULHERES ANA, IV ENA, 2018, spp).

Nessa mesma perspectiva o projeto de agricultura agroecológica que o MMC defende caminha junto com a luta feminista para que de fato o trabalho e as contribuições econômicas das mulheres camponesas possam ser reconhecidas, valorizadas e visibilizadas.

### **PASSOS PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA ECONOMIA CAMPONESA, FEMINISTA E AGROECOLÓGICA**

Os princípios da economia feminista contribuem para que o trabalho das mulheres camponesas possa ser visibilizado, reconhecido, valorizado e valorado. Falar sobre economia feminista é necessário, pois a economia capitalista vigente na sociedade globalizada, não

reconhece e invisibiliza o trabalho reprodutivo seja o doméstico, o trabalho relacionado aos cuidados com a família, crianças, doentes, idosos e todas as contribuições econômicas realizadas pelas mulheres. Assim destacamos que “A economia feminista questiona o paradigma dominante e sua abordagem androcêntrica e contribui para dar visibilidade ao aporte econômico das mulheres. Já a economia dominante não só desconsidera, invisibiliza a contribuição econômica das mulheres, como oculta e desconhece as elaborações teóricas das feministas”. (DI SABBATO; MELLO; LOMBARDI; FARIA, 2009, p. 14-15).

A economia feminista faz a crítica ao paradigma econômico dominante, como também reconhece as elaborações e contribuições teóricas das mulheres e por se tratar de um campo de estudos da Ciência Econômica, aproxima a produção acadêmica das lutas feministas. Como afirmam as autoras,

[...] a sua construção é fruto da imbricação entre a produção acadêmica e as lutas feministas e é desenvolvida tanto nos centros de estudos e pesquisas como nos espaços de atuação política feminista: Organizações Não Governamentais (ONGs), movimentos sociais e associações de mulheres trabalhadoras. (GRECCO; FURNO E TEIXEIRA 2018, p. 11)

Conforme as autoras destacam desde sua origem, a economia feminista tratou de dar visibilidade as mulheres como “atoras econômicas” e dialogar sobre a sobrecarga de trabalho atribuída a elas.

[...] a economia feminista buscou, em primeiro lugar visibilizar as mulheres como ‘atoras’ econômicas e, assim, enfocar o grande volume de trabalho doméstico e de cuidados realizados pelas mulheres. A partir dos anos 1990 ocorreu a consolidação da economia feminista como um campo do conhecimento. (DI SABBATO; MELLO; LOMBARDI; FARIA, 2009, p. 15).

Cristina Carrasco (2018, p. 32), afirma que “[...] ao longo do caminho percorrido nas últimas décadas, a economia feminista se caracterizou por propor rupturas com uma série de conceitos definidos a partir da economia oficial dominante; rupturas que não respondem a uma inquietação conceitual, mas sim a um posicionamento político.”

A autora também reflete sobre o percurso que a economia feminista foi propondo do ponto de vista conceitual e político, desde questões sobre o trabalho doméstico para um debate atual que envolve o conceito de “sustentabilidade da vida” que tem sido referenciado com mais intensidade na prática política dos movimentos sociais e sindicais do que na academia.

Nesse percurso, a economia feminista foi se deslocando conceitual e politicamente da discussão sobre o trabalho doméstico para a ideia mais recente de sustentabilidade da

vida, ambos conceitos debatidos com mais intensidade nos movimentos sociais e sindicais do que na academia – conceitos, portanto, com uma forte carga política. Os primeiros debates buscavam um reconhecimento do trabalho doméstico como trabalho, o que tinha sérias implicações políticas, colocando em questão as teorias marxistas. O conceito de sustentabilidade da vida – além de exigir um maior estudo e discussão – nos coloca a necessidade de perfilar quais são as economias próximas, que ao menos em princípio mantém o objetivo que a economia feminista, para tentar construir diálogos e ações conjuntas – necessários se desejamos uma transformação social rumo a uma sociedade mais igualitária e melhor para se viver. (CARRASCO, 2018, p. 33).

As contribuições da autora citada nos ajudaram a pensar o caminho percorrido pelo MMC na construção de uma economia baseada nos princípios da luta feminista, camponesa e da agroecologia. Em um primeiro momento a organização e os processos formativos no Movimento foram muito importantes para as mulheres camponesas aprofundarem os estudos e debates sobre como funciona o sistema econômico capitalista e patriarcal, e desse modo perceberem que as teorias e análises econômicas são formuladas por homens. Por esse viés, o trabalho realizado por eles é colocado como sendo mais importante, mais produtivo e que tem “mais valor” e por isso deve ser mais bem remunerado. E o trabalho realizado pelas mulheres camponesas, principalmente o doméstico, os cuidados, e o trabalho produtivo na horta, pomar, roça e quintais, não são considerados como atividade econômica, sendo assim não são reconhecidos, valorizados, valorados, ficando na invisibilidade. Nesse sistema econômico, são consideradas apenas as atividades de bens e serviços que têm valor de troca mercantil.

No capitalismo, a riqueza produzida reconhecidamente é aquela destinada e vinculada para o mercado, sendo este controlado em grande medida pelos capitalistas. O trabalho de reprodução da vida, seja produção de alimentos para autossustento das famílias, ou mesmo o cuidado de crianças e idosos, limpeza da casa, cuidados com a saúde nas famílias não é considerado trabalho produtivo. Estas tarefas são consideradas improdutivas, e em geral são feitas por mulheres. Logo, o trabalho que interessa aos capitalistas, é o trabalho produtivo, pois gera a chamada mais-valia e o lucro. O lucro, por sua vez, parece ser o motor de toda a economia e tudo o que passa sem considerá-lo parece não existir e não ter sentido diante dos mercados. (SCHMIDT; JAHN; SANTOS; COLLET, 2012, p. 6).

O estudo sobre o que é a economia capitalista foi fundamental para as mulheres camponesas se darem conta que esse tipo de economia não serve para elas. Com esta compreensão, iniciam a luta pela construção de outra economia, partindo da realidade concreta das mulheres camponesas que elas chamam de “economia feminista camponesa”. Partem para uma análise crítica de que todo trabalho desempenhado por elas é invisível para a sociedade, sendo necessário dar mais visibilidade ao seu trabalho e considerar suas contribuições para a economia.



Compreendendo que há diversas formas de organização do trabalho para além do trabalho assalariado, como o trabalho doméstico, o de cuidados e o trabalho produtivo que as mulheres camponesas realizam, ressignificam o conceito de trabalho reprodutivo qualificando-o como produtivo tanto no sentido mercantil como no da sustentabilidade da vida.

Conforme destaca a autora Maria Betânia de Ávila (2007),

[...] a questão do trabalho é uma questão estrutural na conformação das relações de gênero. Através de uma análise do trabalho, podemos explicar uma dimensão básica da lógica de reprodução social capitalista e patriarcal e, a partir dessa análise, encontrar os elementos importantes que estruturam a exploração e dominação das mulheres. (ÁVILA, 2007, p.109)

Nesse processo de compreensão sobre como se estrutura o trabalho na sociedade capitalista, as mulheres camponesas vão se dando conta da sobrecarga de trabalho atribuída a elas, pelos princípios da divisão sexual e social do trabalho, que se coloca como grande desafio conforme destacam as autoras Isaura Conte, Michela Calaça e Noeli W. Taborda, (2020),

O grande desafio posto é o rompimento da divisão sexual do trabalho e dos papéis patriarcais de gênero para a superação da concepção de práticas que definem as mulheres como não produtivas e, portanto, desvalorizadas. Desse modo, necessariamente há que se lutar por outras formas de produção e a superação do capitalismo como modelo, e junto a isso, a superação do patriarcado e racismo. (CONTE, CALAÇA, TABORDA, 2020, p.131).

Parafraseando a autora Daniele Kergoat (2009), sobre o tema da divisão sexual e social do trabalho, ela explica que o trabalho se organiza a partir de dois princípios: O princípio da separação por sexo, há trabalho de homens e há trabalho de mulheres, e no princípio hierárquico, o trabalho dos homens vale mais que o trabalho das mulheres. Aproximando esses dois princípios com a realidade das mulheres camponesas, o princípio da separação por sexo nas famílias camponesas é bem presente, pois às mulheres é atribuído o trabalho privado, reprodutivo, da casa, sem remuneração, que as mulheres camponesas passaram a chamar de “trabalho fundamental para manutenção e sustentação da vida”, que inclui todos os trabalhos domésticos (lavar, passar, cozinhar etc.), os trabalhos de cuidados com os doentes, com as crianças, idosos, cuidado e manejo com as plantas medicinais, as flores, as sementes, os pequenos animais, a biodiversidade, os bens naturais, a produção para o autoconsumo e também o trabalho produtivo na roça - atribuído socialmente aos homens e que nesse sentido costumavam dizer que as mulheres prestavam “ajuda ao marido”. Importante ressaltar que com a chegada do processo da modernização agrícola a roça





passa ser feita com uso de máquinas, facilitando muito o trabalho dos homens, enquanto o trabalho realizado pelas mulheres se torna cada vez mais precarizado.

Com relação ao princípio hierárquico, o trabalho masculino vale mais que o trabalho feminino, esse princípio aparece mais claro nas relações de trabalho assalariado urbano, no qual as mulheres exercem a mesma função que os homens e recebem salários menores. Nas atividades agrícolas esse princípio também pode ser percebido quando determinadas atividades são atribuídas às mulheres e passam ser desenvolvidas por homens, um exemplo claro é quando a atividade de produção para autoconsumo passa ser desenvolvida e comercializada por homens, aí passa ser considerada uma atividade produtiva e do ponto de vista econômico, rentável. A atividade leiteira passou por esse processo, quando as famílias tinham uma ou duas vacas apenas para consumo, os homens não se envolviam com essa tarefa, a partir do momento que o leite começa a ser comercializado, os homens se inserem nessa atividade e dessa forma acontece com várias outras atividades agrícolas como horticultura, floricultura, criação dos pequenos animais etc.

Historicamente, o trabalho reprodutivo é atribuído como responsabilidade das mulheres e é desvalorizado socialmente. Na agricultura os princípios da divisão sexual e social do trabalho reforçam que todos os trabalhos realizados pelas mulheres são domésticos, mesmo quando exercem as mesmas tarefas que os homens ou quando produzem para comercializar, seja no espaço dos seus quintais ou na lavoura, ainda é considerado extensão do trabalho doméstico.

Para o MMC,

[...] a divisão sexual e social do trabalho e dos papéis patriarcais de gênero é uma luta necessária para avançarmos na perspectiva da economia feminista, valorizando tudo o que nós mulheres produzimos, consumimos, trocamos, vendemos, seja do pomar, da criação, seja do cuidado dos pequenos animais ou outros. (CONTE; CALAÇA; TABORDA, 2020, p. 131).

As mulheres camponesas do MMC compreendem que é preciso romper com os princípios da divisão sexual e social do trabalho, pois reforçam relações de exploração, dominação e não valorização do trabalho das mulheres. Para as mulheres camponesas “[...] uma economia feminista pensa como deve funcionar a sociedade para que as pessoas tenham qualidade de vida. Pensar formas de articulação e implementação onde as mulheres sejam gestoras, não apenas produtoras e consumidoras.” (SCHMIDT; JAHN; SANTOS; COLLET, 2012, p. 6).

De acordo com a ONG Sempre-viva Organização Feminista - SOF (2021),

A economia feminista é uma ferramenta nessa luta porque nos apoia na crítica ao sistema e oferece elementos para a nossa resistência. É fundamental nos processos de organização

e educação popular, além de orientar as nossas propostas alternativas. Ela nos ajuda na construção de contra hegemonia e de práticas feministas de transformação da economia a partir da realidade concreta. (SOF, 2021, p.7).

Na perspectiva da economia feminista, as mulheres camponesas fazem a crítica ao sistema econômico dominante e se desafiam a lutar pelo reconhecimento e valorização de todo e qualquer tipo de trabalho que elas desempenham, o doméstico, os cuidados etc. Mesmo que muitos homens não assumam a responsabilidade das tarefas domésticas para diminuir a sobrecarga de trabalho das mulheres, elas dialogam com seus familiares sobre a importância e o valor desses trabalhos.

No Encontro de Formação das Monitoras, realizado em 11 de novembro de 2019, o tema de estudo era sobre economia feminista. Uma participante relatou que dialogou com seu companheiro sobre o valor do seu trabalho, contou que certo dia estava com a máquina de costura quebrada e uma peça de roupa do marido precisava de conserto, levou a uma costureira, o marido reclamou que o conserto custou caro, então ela aproveitou e disse: *“Eu sempre te fiz de graça.”* (CADERNO DE CAMPO, 2019, p.1).

As mulheres camponesas também dialogam sobre “a economia do cuidado”. Crianças, idosos, doentes, o ser humano necessita de cuidados. Assim também o solo, as sementes crioulas, as plantas medicinais, as flores, a agro biodiversidade agrícola, a natureza, os animais também necessitam de cuidados. Esse trabalho realizado pelas mulheres camponesas por um lado é entendido como sendo necessário, fundamental para a sustentação da vida, mas por outro lado, ele precisa ser responsabilidade de todos, não só das mulheres. Conforme afirma a autora Cristina Carrasco, (2018),

Os cuidados falam sobre a nossa vulnerabilidade. Nascemos e vivemos em corpos e mentes frágeis e vulneráveis que exigem cuidados ao longo de todo o ciclo vital: cuidados do corpo, na saúde, afetivos, amorosos, psicológicos. Cuidados absolutamente necessários, que sustentam cotidianamente os corpos. Não se trata, portanto, de que alguém queira ou não os fazer, nem de que se goste ou não; é simplesmente uma condição humana e é preciso realizá-las. Negar os cuidados é negar a própria vida. Neste sentido, o cuidado tem uma dupla dimensão: por um lado, é um direito individual, por outro, é uma responsabilidade coletiva. Se a sociedade nos permite viver através do cuidado, todos e todas deveríamos participar do cuidado dos e das demais. O cuidado não é um assunto de mulheres. (CARRASCO, 2018, p.48).

A autora acrescenta ainda sobre a relevância dos cuidados como sendo a base da vida e do sistema econômico,

[...] pois permite situar este trabalho no centro da reprodução social e as mulheres como sustentadoras de toda a estrutura social e econômica da própria vida, em definitivo. Efetivamente, só a enorme quantidade de trabalho e de cuidados que as mulheres realizam desde sempre permite que o sistema econômico e social possa seguir funcionando. (CARRASCO, 2018, p. 4).



A sobrecarga de trabalho realizado pelas mulheres camponesas para reproduzir a vida e a vida de suas famílias não é remunerada, não gera uma riqueza direta e é desvalorizada socialmente e economicamente, porém são trabalhos fundamentais para sustentação da vida e de um sistema social e econômico.

## A ECONOMIA DOS QUINTAIS PRODUTIVOS AGROECOLÓGICOS

Os quintais produtivos são considerados espaços de terra localizados próximos às residências que congregam horta, pomar, jardim ou policultivos, cultivo consorciado e sistemas agroflorestais com grande diversidade de plantas medicinais, alimentícias, ornamentais, condimentares, madeireiras, frutíferas e a criação dos pequenos animais. Geralmente esse trabalho é coordenado e manejado pelas mulheres. Essa produção apresenta custos baixos por não depender de insumos, como sementes, fertilizantes, agroquímicos industriais. A produção é realizada com insumos do próprio quintal, com sementes crioulas, a adubação é feita com os esterços dos animais, compostos, adubação verde, húmus, bem como a fabricação de repelentes, caldas, biofertilizantes e outros.

O espaço dos quintais é onde se produz a maior diversidade de alimentos para atender diariamente a dieta nutricional das famílias camponesas, sendo outro exemplo de trabalho desempenhado historicamente pelas mulheres camponesas, que a sociedade capitalista e patriarcal não valoriza e invisibiliza. Nesse sentido, as mulheres camponesas do MMC/SC buscaram metodologias e ferramentas, a exemplo da caderneta agroecológica para anotar, contabilizar e dar visibilidade ao seu trabalho e à produção de alimentos dos seus quintais produtivos agroecológicos.

Pela educação que a mulher foi recebendo desde criança, ela aprendeu a administrar todo o trabalho doméstico, o cuidado com as crianças, o trabalho na lavoura, na organização da produção para autossustento, ou seja, produções de alimentos saudáveis e diversificados que estão presentes todos os dias na mesa da família, ainda dedicam tempo para organização, para comunidade, e muitas vezes para a entre ajuda com as vizinhas, e amigos(as). Ao tomar consciência do valor do trabalho muitas mulheres começaram a contabilizar a produção de autossustento e se surpreenderam com a economia que gira na família, fruto do seu esforço e dedicação. (SCHIMIDT; JANH; SANTOS; COLLET, 2012, p. 30).

A pesquisa de mestrado enfatizou as experiências dos quintais produtivos agroecológicos que o MMC desenvolve em todo o Estado de Santa Catarina. Entretanto foi necessário o recorte para realização da pesquisa de campo. O primeiro recorte aconteceu com a escolha do grupo das



monitoras que é composto aproximadamente por 20 mulheres camponesas. Desse grupo participaram da pesquisa 11 monitoras que atuam desde o início na formação e construção do Projeto de Agricultura Camponesa Agroecológica e Feminista do MMC/SC. (Sendo que 07 delas foram entrevistadas com roteiro de perguntas abertas semiestruturadas durante encontro de formação do MMC/SC no Centro de Formação Maria Rosa em Chapecó). Desse grupo foi realizado o segundo recorte, quatro (4) mulheres camponesas, monitoras foram escolhidas para relatar suas experiências práticas de produção. (Essas também foram entrevistadas com roteiro de perguntas abertas semiestruturadas em suas residências nos Municípios de Anchieta, Chapecó, Palma Sola e São Miguel do Oeste). A escolha dessas quatro experiências contemplou o critério da localização pelo fato de residirem próximo ao município da pesquisadora. Outro critério observado para escolha foi justamente porque três<sup>6</sup>, delas participaram do projeto das cadernetas agroecológicas durante o período de março/2017 a março/ 2018.

Na figura abaixo temos a imagem de uma Caderneta Agroecológica<sup>7</sup> preenchida por uma mulher camponesa com a produção do seu quintal que é destinada para o consumo da família, para doação, trocas e vendas. (obs. Para esse artigo apresentamos a sistematização dos dados de apenas duas cadernetas agroecológicas).

---

<sup>6</sup> Importante destacar que apenas três mulheres camponesas que foram escolhidas para participar da pesquisa preencheram a caderneta agroecológica. Potanto no MMC/ SC, 20 mulheres participaram do projeto sendo que 15 delas conseguiram realizar as anotações durante os 12 meses propostos.

<sup>7</sup> A experiência das Cadernetas Agroecológicas foi realizada durante o ano de 2017 - 2018 período de elaboração do projeto de pesquisa da dissertação em que o índice de inflação sobre os alimentos era bem menor que os praticados em 2022.



Figura 1 Caderneta Agroecológica (CAMPONESA, C)

**Caderneta Agroecológica**  
CAMPONESA, C. Munizini 13 Março 2017  
Controle da Produção

Qtd	Consumiu	RS	Qtd	Deu	RS	Qtd	Trocou	RS	Qtd	Vendeu	RS
2L	Leite	3,00	1K	Cebola	3,00	2K	carne de porco	15,00	2K	Peixe	44,00
1K	Mandioca	2,00	1K	Salame	15,00		por farinha		1K	Salame	15,00
1K	Salame	15,00	1K	Salame	15,00				4	vidros chumia	44,00
1	duz. ovos	4,00	meia K	Salame	7,50	2K	Carne de porco	15,00	5	carpa (peixe)	16,80
1K	Frijos	5,00	1K	Tilápia (mixo)	32,00		quando cozido		5K	cebo	20,00
1K	Batatinha	5,00	1litro	melado	10,00	2K	frijos por	10,00	2K	frijos	10,00
1V	Cebola (cozida)	10,00	2K	Peixe carpa	34,00		1 litro pipoca		5K	Tilápia (peixe)	110,00
1V	Vagem (cozida)	10,00	meia K	Salame	7,50				4K	frijos	20,00
6	Pão	18,00	2P	Alface	2,00				30	meia alfaca	30,00
2K	carne de porco	15,00	meia	Ovos	2,00						
1K	frijos	4,50	1	Carpa	34,00						
meia K	Vagem	3,00	1	Queijo	13,00						
meia K	tomate	2,50	2	vidros compota	30,00						
3K	Bolacha	24,00									

Scanned by TapScanner

Fonte: Santos, (2021).<sup>8</sup>

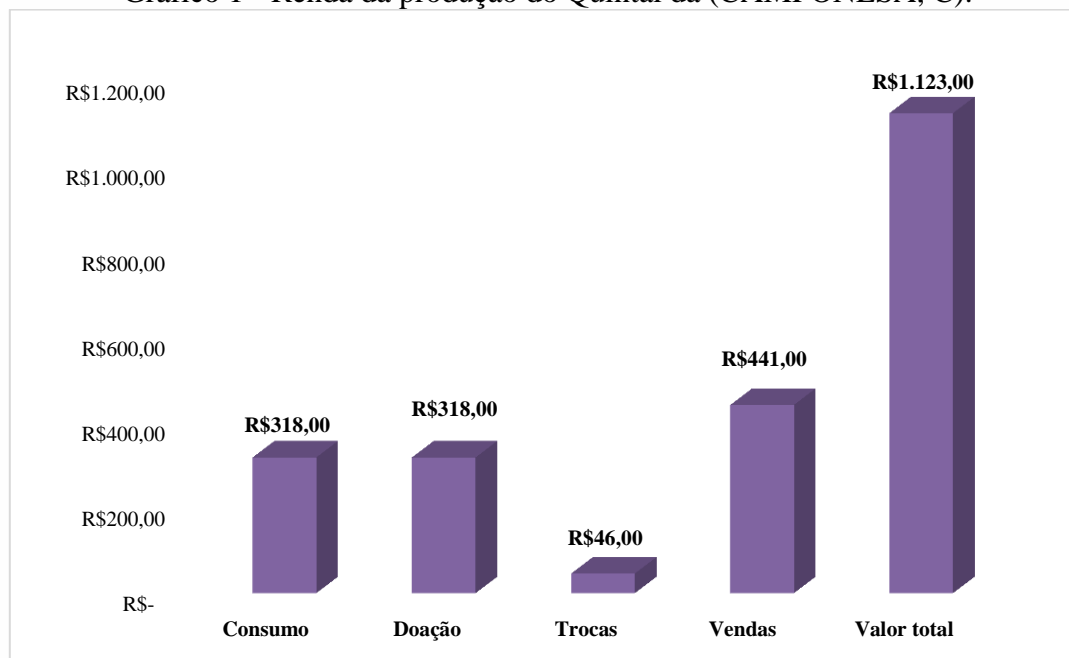
Conforme destacam as autoras a seguir as cadernetas têm por objetivo registrar, organizar e dar visibilidade à produção dos quintais produtivos das mulheres camponesas.

As Cadernetas têm por objetivo organizar as informações sobre a produção das mulheres, ou seja, nelas são registrados o que foi vendido, trocado, doado, e consumido e tudo o que é cultivado nos quintais produtivos ou espaços de protagonismos/domínio das mulheres em suas propriedades. Além disso, é possível fazer um inventário das espécies cultivadas pelas agricultoras, o que dialoga com o objetivo de apontar a contribuição das mulheres na preservação da biodiversidade e na soberania e segurança alimentar a partir dos quintais, se mostrando um instrumento potente com arcabouço teórico para a disputa de espaços para as mulheres, como também para elaboração e conquista de políticas públicas que atendam às necessidades das mulheres rurais. (JAIL; SILVA, et al, 2019, p. 107).

Os gráficos abaixo apresentam o valor em dinheiro, ou seja, a renda referente à produção realizada pelas mulheres em seus quintais produtivos agroecológicos que é destinada ao consumo da família e os valores correspondentes às doações, trocas, e o que foi comercializado, a partir da experiência de sistematização dos dados na caderneta agroecológica. Os valores (preços), dos itens listados na caderneta pelas mulheres camponesas que são produzidos em seus quintais, foi realizado pesquisa dos mesmos valores que são comercializados em mercados e feiras locais, na comercialização direta aos consumidores e programas institucionais como PNAE e PAA.

<sup>8</sup> Imagem da própria autora, a caderneta e os dados preenchidos são da monitora e dirigente do MMC que para esse artigo optamos por nomear de (CAMPONESA, C).

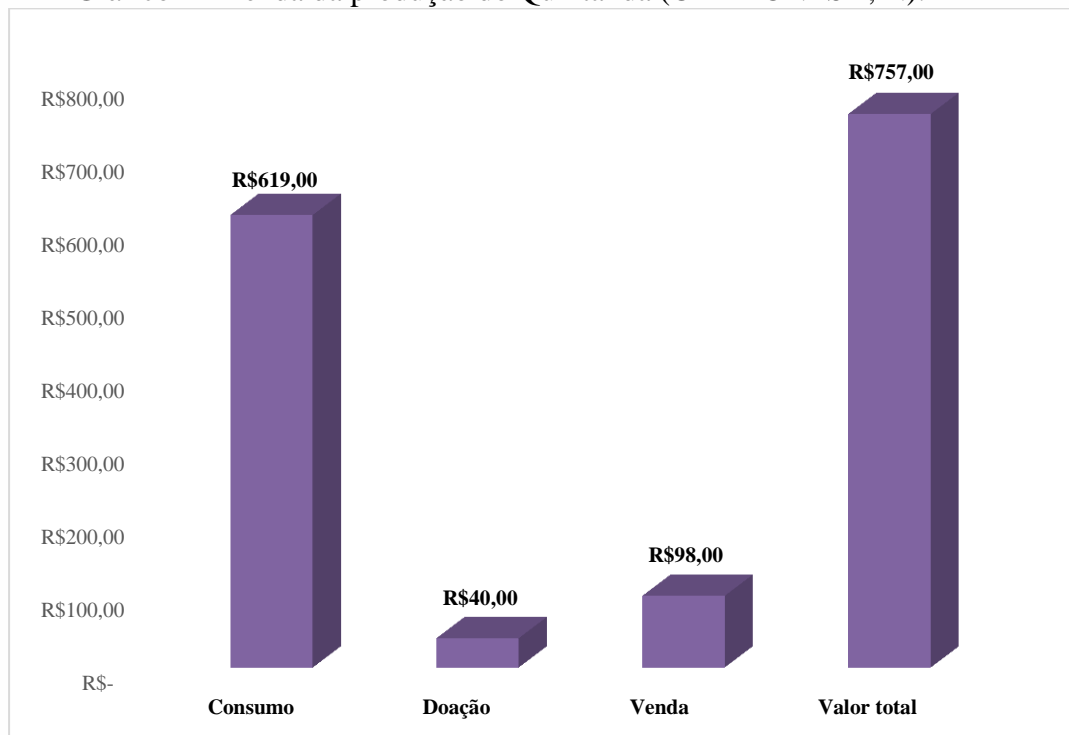
Gráfico 1 - Renda da produção do Quintal da (CAMPONESA, C).



Fonte: Santos, (2021).

A soma total equivalente à renda da produção do quintal produtivo agroecológico da entrevistada (CAMPONESA, C), referente ao mês de março de 2017, obteve o valor de 1.123,00 reais sendo 318,00 reais destinados ao consumo da família que é composta apenas pelo casal. Fez doação de alimentos aos filhos, parentes e amigos, no valor de 318,00 reais. 46,00 reais é o valor referente às trocas com as vizinhas da comunidade. E o valor de 441,00 reais é referente à comercialização de sua produção.

Gráfico 2 - Renda da produção do Quintal da (CAMPONESA, N).



Fonte: Santos (2021).

A soma total equivalente à renda da produção do quintal produtivo agroecológico da (CAMPONESA,N), referente ao mês de maio de 2017, obteve um valor de 757,00 reais, sendo o valor de 619,00 reais destinado ao consumo da família que é composta por 3 pessoas, o casal e o neto, 40,00 reais é referente às doações para vizinhas, parentes da cidade e o valor de 98,00 reais corresponde à comercialização da sua produção. Nessa caderneta não foram anotados os valores referente as trocas, porém essa é uma prática que acontece entre as camponesas.

A produção para autoconsumo realizada pelas mulheres camponesas em seus quintais, além de gerar renda também contribui para a segurança e a soberania alimentar. As famílias têm acesso diário a alimentos saudáveis e com alto valor nutricional que são produzidos em seus quintais, orientados pelos princípios da produção agroecológica: “[...] *tu planta sem veneno, que tu sabe que foi você quem plantou, que você vai comer uma coisa boa, uma coisa saudável e se tu compras, você não sabe o que tá comendo porque o veneno, tu não enxerga, então tu sabe o que tá comendo, que tá gerando renda e tá vivendo bem.*” (CAMPONESA, I).

E além de poder consumir alimentos saudáveis e de qualidade, muitas famílias camponesas têm como estratégia aumentar a diversificação da produção para autoconsumo, diminuindo a dependência frente à mercantilização dos alimentos e dessa forma vão conquistando a sua autonomia econômica. Isto reforça o que as mulheres camponesas costumam dizer sobre diminuir gastos e economizar para poder investir em outras atividades na unidade de produção, ou mesmo comprar o que não é possível produzir, seja pela falta dos meios de produção, estrutura, equipamentos, seja pela diminuição da mão de obra ou por questões ambientais ou sazonais: “[...] isso é uma economia enorme porque se tu não gasta pra comprar, tu podes usar o dinheiro pra comprar outra coisa né.” (CAMPONESA, F).

Edel também comenta que a produção voltada para autoconsumo é exigente em mão de obra e trabalho, mas ela é feita com sementes, insumos da própria unidade de produção diminuindo os gastos e a dependência de insumos externos.

[...] então econômico assim, na verdade ele [autoconsumo] é econômico quero dizer assim, pelos gastos que a gente tem com ele, então é mais a tua dedicação que é o valor que ele tem, se dedica a fazer cobertura, colocar plantas que ajudam como repelentes, fazer adubos próprios né, ecológicos. Então tudo isso diminui os gastos né, é teu trabalho que está ali, os gastos, cai muito. Em outra horta, lavoura, quintal, eles botam adubos, lonas e aí vai, isso dá um gasto grande, muitos gastos, eu acho assim. (CAMPONESA,E).

A prática de anotar, precificar e contabilizar a produção dos quintais destinada para autoconsumo, não tem como intenção transformar tudo em valor mercantil, valor de compra e venda, mas, sim de mostrar para as famílias e a sociedade que esse trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas tem valor e é importante para economia. Assim como também representa muitos “outros valores”, pois além de gerar renda e autonomia econômica para as famílias que não necessitam comprar a alimentação para o consumo, também proporciona outros benefícios, como; o de consumir alimentos frescos, nutritivos, saborosos e saudáveis, representa mais saúde e qualidade de vida, e ao mesmo tempo que estão produzindo esses alimentos, estão se preocupando com o cuidado com ambiente, com a preservação e conservação das variedades genética, de sementes da nossa agrobiodiversidade, com o cuidado e manutenção dos bens naturais, garantindo qualidade de vida para as futuras gerações.

Muito dessa produção também é trocada ou doada aos familiares, amigos, vizinhos, o que reverte em valores sociais, culturais, ambientais, ecológicos e econômicos. O trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas contribui para a soberania alimentar e nutricional e para o fortalecimento da agroecologia enquanto ciência e como modo de vida.





E qual seria o valor de tudo? “As feministas fazem a crítica sobre isso dizendo que tem trabalho que produz valor mercantil, valor de compra e venda, mas tem trabalho que produz outros valores.” (ÁVILA, 2007, p. 114). Para o Movimento “[...] a concepção de economia forjada na luta pelas mulheres do MMC caracteriza-se como uma economia integrada às múltiplas dimensões, sejam elas sociais, políticas, culturais, entre outras.” (COLLET; GASPARETTO, 2020, p. 8).

No encontro de formação das monitoras em novembro de 2019, as participantes debateram sobre o que compreendem por economia feminista:

É tudo o que as mulheres produzem, consomem, trocam e vendem dos seus quintais, do pomar, da criação dos pequenos animais. Compreende todos os trabalhos das mulheres, o doméstico bem como os cuidados com as crianças, idosos, doentes e a família, a produção e preparo dos alimentos, cultivo das ervas medicinais, flores, criação dos pequenos animais, a confecção de roupas e o artesanato.” (CADERNO DE CAMPO, 2019, p. 2).

Para as mulheres camponesas avançarem no debate sobre geração de renda e autonomia econômica, foi necessário debater sobre a importância e o valor do trabalho da mulher, bem como identificar a diversidade que produzem em seus quintais e os benefícios que essa produção gera para suas famílias e para sociedade.

O campo da economia determina papéis e poder às pessoas, por isso, cada vez mais, as mulheres precisam ocupar esse espaço (que ainda não ocuparam), mas não para reproduzi-lo. É nesse sentido que nós mulheres camponesas e feministas, propomos como necessário, uma economia feminista que possui o princípio da solidariedade. (SCHIMIDT; JAHN; SANTOS; COLLET, 2012, p. 23).

A partir dos princípios da economia camponesa feminista e da agroecologia, as mulheres camponesas têm buscado alternativas para geração de renda, construindo experiências de comercialização em feiras locais, venda direta aos consumidores, programas institucionais a exemplo do PAA e do PNAE. As mulheres camponesas estão construindo e fortalecendo relações de amizade e confiança com as (os) consumidoras(es):

[...] há aquelas que têm sua freguesia fixa, organizaram seu grupo que adquire os produtos em forma de cesta ou itens de acordo com a necessidade. Outras o fazem através de feiras pontuais ou permanentes. Também tem aquelas que entregam em mercado local ou regional, outras ainda para a alimentação escolar, entre outras. (COLLET; GASPARETTO, 2021, p. 9).

Porém conforme já destacamos acima, a maior porcentagem da produção dos quintais produtivos das mulheres camponesas é destinada ao consumo familiar, muitos alimentos saem do quintal produtivo agroecológico, direto para a mesa, não envolvendo relações mercantis, sendo considerada uma economia invisível. As mulheres camponesas organizadas no MMC sempre



lutaram e lutam para dar mais visibilidade, valorização e reconhecimento a todas as contribuições econômicas das mulheres camponesas. E para isto têm buscado formas para evidenciar e mostrar que a produção de alimentos, mesmo quando destinada para o autoconsumo, gera importante renda e autonomia econômica para as famílias camponesas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever sobre a temática da economia camponesa e feminista é sempre necessário na tentativa de avançar na visibilidade reconhecimento e valorização das experiências e do trabalho desempenhado pelas mulheres camponesas.

Nesse artigo nos propomos trazer um debate aproximando a economia camponesa feminista com a ciência da agroecologia que está bastante interligada com as experiências de produção realizadas pelas mulheres camponesas no espaço dos seus quintais produtivos. Para as mulheres camponesas a Agroecologia é “Modo de Vida”, ciência que agrega o conhecimento de várias disciplinas para o desenvolvimento de agriculturas de base ecológica mais sustentáveis e juntamente com a luta feminista se propõem à construção de um projeto de transformação da sociedade, construindo novas relações de solidariedade, igualdade e respeito entre as pessoas e das pessoas com a natureza, valorizando o papel desempenhado pelas mulheres camponesas no trabalho que envolve todos os “cuidados” com as pessoas, com os bens naturais, com a conservação da diversidade genética das sementes crioulas, com a produção de alimentos saudáveis garantindo a segurança e soberania alimentar de suas famílias bem como toda a contribuição econômica das mulheres para manutenção e sustentação da vida.

Esse percurso que o Movimento de Mulheres camponesas está trilhando na construção de uma economia camponesa feminista e agroecológica apresenta inúmeros desafios muito complexos, pois se faz necessário ir rompendo com as práticas e padrões de uma sociedade capitalista, patriarcal e de um sistema econômico dominante que não tem a pretensão de reconhecer, valorizar, e visibilizar o trabalho das mulheres camponesas. Nessa lógica, é preciso fazer o enfrentamento ao modelo de agricultura convencional baseado na exploração e no lucro e que por conta disso tem ameaçado e destruído as poucas iniciativas de autonomia econômica das mulheres camponesas e de suas famílias. Pois esse jeito de fazer agricultura transformou o setor agrícola em um grande negócio, não se produz alimentos e sim mercadorias, commodities. A produção é altamente dependente de insumos industriais, sementes, fertilizantes, agrotóxicos, etc. Só tem valor de mercado o que é produzido e comercializado em grande escala. Esse modelo de



produção agrícola concentra a maior área das terras agricultáveis, contamina o solo a água e até as produções orgânicas e agroecológicas. E as mulheres camponesas precisam construir e reconstruir iniciativas que resignifique e valorize os saberes tradicionais, experiências de produção de alimentos diversificados e saudáveis utilizando sementes crioulas, insumos próprios. E a partir dos princípios da economia camponesa feminista e da produção agroecológica e sustentável, as mulheres camponesas têm buscado alternativas para comercialização da sua produção garantindo a geração de renda e autonomia econômica.

As mulheres camponesas precisam lutar diariamente para terem mais reconhecimento e valorização do seu trabalho em suas famílias e na sociedade. Precisam lutar por políticas públicas que fomentem experiências de uma economia baseada em princípios da agricultura camponesa e da agroecologia, protagonizadas por mulheres. Lutar pelo direito a ter acesso aos meios de produção essenciais como terra, água, sementes, insumos, equipamentos, tecnologias, para que consigam avançar em suas experiências de produção e comercialização.

Diante desses desafios que apontamos e de muitos outros que não demos conta de trazer aqui, as mulheres camponesas foram fazendo seu percurso na construção de uma economia camponesa e feminista partindo de suas vivências, experiências e realidades. Coletivamente lutaram e conquistaram o reconhecimento da profissão de trabalhadoras rurais, os direitos previdenciários, aposentadoria, auxílio acidente de trabalho, salário maternidade entre tantos outros direitos. Conquistas significativas na vida das mulheres camponesas que certamente proporcionaram mais dignidade, autonomia e liberdade.

Identificamos que os processos formativos do Movimento são importantes e contribuem para que as mulheres camponesas se reconheçam como “atoras” econômicas. A construção coletiva do projeto de agricultura camponesa agroecológico, motiva, politiza e orienta para que as mulheres camponesas coloquem em prática em seus quintais, uma produção agroecológica e sustentável, que em sua base e princípios também exige outra economia que é baseada em relações de cuidado, solidariedade, respeito, sustentabilidade e bem viver.

## REFERÊNCIAS

ÁVILA, M. B. Divisão Sexual do Trabalho: Desafio para Agroecologia. *In: SILVA, C. (orgs.). Encontros Possíveis – Feminismo e Agroecologia*. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para Democracia, 2007, p. 106- 125.

CARRASCO, C. B. A economia feminista: um panorama sobre o conceito de reprodução. **Temáticas**: revista dos pós-graduandos em ciências. v.26, n.52, 2018.



CINELLI, Catiane. **Programa de Sementes Crioulas de Hortaliças: Experiência e Identidades no Movimento de Mulheres Camponesas**. 2012. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Linha de Pesquisa: Educação Popular em Movimentos e Organizações sociais). Universidade Regional UNIJUÍ. Ijuí, 2012.

CONTE, I.; CALAÇA, M.; TABORDA, N. W. Divisão Sexual do Trabalho. In: MEZADRI, Adriana, CIMA, Justina, TABORDA, N.; GASPARETO, S.; COLLET, Z. (orgs.). **Feminismo Camponês e Popular: Reflexões a partir de experiências no Movimento de Mulheres Camponesas**. São Paulo: Expressão Popular, 2020, p. 123-132.

COLLET, Z.; GASPARETO S. A. K. **Os quintais produtivos no movimento de mulheres camponesas (MMC/SC): traços de uma economia feminista camponesa**. Fazendo Gênero 12 UFSC, Florianópolis 2021. Disponível em: <https://www.Fg2021.eventos.dype.com.br/site/anais>

DI SABBATO, A.; MELO, H. P.; LOMBARDI, M. R. et al. **Estatísticas Rurais e a Economia Feminista: um olhar sobre o trabalho das mulheres**. Brasília: MDA, 2009.

GRECCO, F. S.; FURNO, J. C.; TEIXEIRA, M. O. Por uma ciência econômica feminista. **Temáticas: revista dos pós-graduandos em ciências sociais**, v.26, n.52, p. 11-22, 2018.

GRUPO TRABALHO- GT Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia - ANA. **SEM FEMINISMO NÃO HÁ AGROECOLOGIA! IV Encontro Nacional de Agroecologia – ENA**, Belo Horizonte, 2018.

JALIL, L.; SILVA, C. L. et al. Caderneta Agroecológica: a contribuição das mulheres para a soberania e segurança alimentar e conservação da agrobiodiversidade. **Cadernos de ciência sociais da UFRPE**, v. II, n. 15, jul/dez, 2019.

MMC/SC - MOVIMENTO MULHERES CAMPONESAS EM SANTA CATARINA Cartilha, **Uma História de Organização Lutas e Conquistas**. Chapecó novembro de 2008.

ROMÃO, M. M. Agroecologia e Feminismo Uma Prática Possível: A experiência do Grupo de Mulheres da Xique-xique. In: SILVA, C. (Org); **Encontros Possíveis – Feminismo e Agroecologia**. Recife: SOS CORPO – Instituto Feminista para Democracia, 2007, P. 20-25.

SANTOS, R. Geneci. **Quintais produtivos e o papel das mulheres camponesas para o fortalecimento da produção agroecológica: um estudo das experiências desenvolvidas pelo movimento de mulheres camponesas – MMC/ SC**. 2021. Dissertação (Mestrado Programa de Pós-Graduação em Agroecologia Desenvolvimento Rural Sustentável- PPGADR. Universidade Federal

Fronteira Sul/ UFFS. Laranjeiras do Sul, Paraná. 2021.

SOF- Sempre Viva Organização Feminista. **Juntas e misturadas: explorando territórios da economia feminista**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 2021.

SCHMIDT, C.; JANH, E. F.; SANTOS, G. R.; et al. **Economia (in) Visível das Mulheres camponesas**. Passo Fundo, 2012.

